Índice

[Introdução 4](#_Toc447085796)

[APRENDER A FILOSOFIA OU APRENDER A FILOSOFAR: UM DEBATE ENTRE KANT E HEGEL 5](#_Toc447085797)

[CAPÍTULO I: A PERSPECTIVA KANTIANA SOBRE APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA 5](#_Toc447085798)

[1.1.Conceitualização 5](#_Toc447085799)

[1.2.Problematização e Argumentação 5](#_Toc447085800)

[1.2.1.Por que não se aprende a Filosofia, e só se aprende a Filosofar segundo Kant? 5](#_Toc447085801)

[1.2.2.A Filosofia não se Aprende 6](#_Toc447085802)

[1.2.3.Qual é o contraste entre Wolff e Kant sobre a aprendizagem da Filosofia? 6](#_Toc447085803)

[1.2.4.O que é educação para Kant? 7](#_Toc447085804)

[1.1.3.Como Kant concebe a Filosofia da Educação? 7](#_Toc447085805)

[CAPÍTULO II: A PERSPECTIVA HEGELIANA SOBRE A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA 9](#_Toc447085806)

[2.1.Como se caracteriza o ensino da filosofia? 10](#_Toc447085807)

[2.2.Qual é a importância educação segundo Hegel? 10](#_Toc447085808)

[2.3.Que método podemos usar para ensinar e aprender a filosofia para Hegel? 11](#_Toc447085809)

[2.5.O que se pode concluir sobre a questão proposta: aprender a filosofia ou aprender a filosofar? 11](#_Toc447085810)

[2.6.Não seria essa uma relação de forma e conteúdo presente na filosofia e apropriadas ao seu ensino? 11](#_Toc447085811)

[Conclusão 13](#_Toc447085812)

[Bibliografia 14](#_Toc447085813)

# Introdução

 A presente abordagem com o tema aprender a filosofia ou aprender a filosofar irá se centralizar num debate de dois grandes pensadores da filosofia que se preocuparam em discutir esta problemática da possibilidade de aprender a filosofia, segundo o qual encontramos a posição de Immanuel Kant e do filósofo Alemão Hegel.

 No entanto, o presente trabalho de investigação científica estará estruturada em dois capítulos dos quais o primeiro capítulo compreendera a perspectiva kantiana sobre aprendizagem da filosofia, pelo qual Kant ira fazer um total demonstração da impossibilidade de aprender a filosofia e da simples possibilidade do individuo aprender a filosofia, visto que, a filosofia não se aprende, o que se aprende é uma atitude. Não podemos receber a filosofia passivamente, como algo de extrínseco, o filosofar é pessoal, subjectivo, concreto”. Não se aprende porque “ para aprender também filosofia, antes de mais, teria que existir uma”. É absurdo aprender algo que não existe. Do outro lado Hegel que também vai reflectir em torno da possibilidade de aprender a filosofia, afirma a filosofia deve ser ensinada e aprendida tanto quanto qualquer outra ciência”.

 O objectivo geral é de compreender porque Kant afirma a impossibilidade de aprender a Filosofia, e duma maneira específica indicar as dificuldades, que alguns pensadores avançam sobre a problemática do Aprender a filosofia ou aprender a filosofar.

Portanto, as metodologias utilizadas são simplesmente as referências bibliográficas de artigos, manuais de alguns autores que abordam este problema que será debatido.

# APRENDER A FILOSOFIA OU APRENDER A FILOSOFAR: UM DEBATE ENTRE KANT E HEGEL

# CAPÍTULO I: A PERSPECTIVA KANTIANA SOBRE APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA

## 1.1.Conceitualização

 Para Kant, a **filosofia** define-se como um pensar histórico, pois é um pensar construído e não aceite. Kant contrasta no período seguinte um conhecimento histórico, aceite *“ex datis”,* e um conhecimento racional, não aceite, por consequência construído – *“ex principiis”.* (MARNOTO, 1990:192)

 O **filosofar** define-se como um pensar autónomo, como a saída da menoridade na qual encontramos por culpa própria, como nos é afirmado no opúsculo “ o que é o iluminismo?”. O absurdo máximo é para Kant aprendermos a filosofia sem que aprendamos a filosofar. Mas é um caso que pode ocorrer, como nos é dito, na crítica da razão pura; “ … de certo modo, se pode aprender a filosofia sem se ser capaz de filosofar”. Como também nos é referido no texto introdutório a lógica: “ Fica claro agora que se pode aprender filosofia num certo sentido, sem se ser capaz de filosofar…”

 A **educação** é o mais importante e o mais difícil problema que o homem tem como tarefa... Por isso, ela só pode progredir na medida em que uma geração transmite à seguinte as suas experiências e os seus conhecimentos, e esta, por seu turno, dá a sua contribuição e lega para as seguintes...”.

## 1.2.Problematização e Argumentação

### 1.2.1.Por que não se aprende a Filosofia, e só se aprende a Filosofar segundo Kant?

 KANT Apud MARNOTO (1990:192), “a **filosofia** não se aprende, o que se aprende é uma atitude. Não podemos receber a filosofia passivamente, como algo de extrínseco, o filosofar é pessoal, subjectivo, concreto”.

### 1.2.2.A Filosofia não se Aprende

 Não se aprende porque “ para aprender também filosofia, antes de mais, teria que existir uma”. É absurdo aprender algo que não existe. Mais uma vez Kant se demarca da perspectiva de Wolff, para quem a filosofia se deveria estudar tal como as matemáticas, recorrendo a definição de conceitos e a dedução dos mesmos a partir de fundamentos iniciais.(Ibdem:193)

### 1.2.3.Qual é o contraste entre Wolff e Kant sobre a aprendizagem da Filosofia?

 Para Wolff, a filosofia deveria imitar a lógica e a matemática. Para Kant devido à particularidade dos conceitos com que lida a filosofia, conceitos que não podem ser intuitivamente representados. À filosofia não cabe ao método das matemáticas. Tanto na Arquitectonica da Razão Pura como na lógica, Kant afirma a distincao entre filosofia e matemática, distincao que não advêm de uma diversidade dos seus objectos, mas sim da diversidade de modos esses objectos são pensados.(Ibdem)

 Filosofia e matemática lidam com conceitos, tem como objecto conceitos. Só que na matemática os conceitos constroem-se. A matemática é um conhecimento racional a partir da construção de conceitos. A Filosofia é um conhecimento racional a partir de conceitos. No conhecimento matemático, o conceito construído recorre à intuição pura como verificação. O matemático pode abdicar da experiencia para verificar os conceitos com que lida, pois que os construiu recorrendo à intuição pura. O filosofo nunca poderá abdicar da experiencia para confirmar os conceitos com que lida. A filosofia pressupõe pois uma experiencia individual não transmissível.

 Não há uma filosofia constituída e por consequência não se pode ensinar aquilo que não existe. A filosofia apenas existe idealmente, ela aparece na Critica da Razão Pura como: << **A unidade dos conhecimentos múltiplos sob uma vid**a>>.

 “A primeira vista não se distingue diferença de natureza entre filosofar e ensinar a filosofia. Kant, diz: não se ensina a filosofia, ensina-se na melhor hipótese, simplesmente a filosofar”. MARNOTO (1990:95),

 No entanto, para Kant, a filosofia é um saber que está sempre incompleto, pois está sempre em movimento, sempre aberto, sempre sendo feito e se revendo e por isso não pode ser capturado e ensinado: “ (...) nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso, não se pode em absoluto aprender filosofia, porque *ela ainda não existe*”.(http://www.scielo.br/. pdf:2016.18h30)

### 1.2.4.O que é educação para Kant?

 A **educação** “é o mais importante e o mais difícil problema que o homem tem como tarefa... Por isso, ela só pode progredir na medida em que uma geração transmite à seguinte as suas experiências e os seus conhecimentos, e esta, por seu turno, dá a sua contribuição e lega para as seguintes...”. (RAMOS, 2007:199)

 O sentido da pedagogia de Kant está atrelado a alguns princípios da sua filosofia. É possível destacar, para os nossos propósitos, pelo menos três aspectos, que irão determinar a sua visão de ensino, inclusive, da filosofia. São eles:

* O ideal de perfectibilidade do género humano;
* O preceito da *Aufklärung* do pensar por si mesmo e o exercício crítico da razão;
* A necessidade da coação como instrumento para a realização dos fins racionais do carácter normativo da conduta humana.

### 1.1.3.Como Kant concebe a Filosofia da Educação?

 Um outro aspecto importante da filosofia de Kant, e que repercutirá na sua filosofia da educação, refere-se ao preceito da *Aufklärung* do pensar por si mesmo e o exercício crítico da razão. Este preceito está, também, formulado nas três máximas do juízo de gosto tal como o filósofo expõe na *Crítica* *da Faculdade de Julgar*, e que tem por título: “Do gosto como uma espécie de *senso comunis*”*.* As três máximas são:

1. Pensar por si mesmo;
2. Pensar colocando-se no lugar do outro;
3. Pensar sempre de acordo consigo mesmo.

A **primeira máxima** é a do pensamento *livre do preconceito,* a **segunda máxima** é aquela do pensamento alargado, a **terceira máxima** é a do pensamento *conseqüente*” (KANT, 1994, p.226). A relação destas três máximas com o ensino, sobretudo as duas primeiras, retrata o ideal que elas representam.(Ibdem)

## CAPÍTULO II: A PERSPECTIVA HEGELIANA SOBRE A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA

 Nos seus escritos pedagógicos, sustenta a tese de que “o modo de proceder para familiarizar-se com a filosofia rica em conteúdo não é outro senão a *aprendizagem*. A filosofia deve ser *ensinada* e *aprendida* tanto quanto qualquer outra ciência”. Observa, ainda, que tornou-se preconceito não só no estudo da filosofia, mas também da pedagogia – e aqui, todavia, em maior medida – que o *pensar por si mesmo* deveria ser desenvolvido e exercitado no sentido de que em, em primeiro lugar, nesse estudo o *material* *não importa.(210)*

 E, em segundo lugar, a colocação do problema como se o *aprender fosse oposto ao pensar por si mesmo,* posto que de fato só se pode exercitar o pensar em um material que não seja o produto ou a elaboração de uma fantasia ou alguma intuição sensível ou intelectual, mas que é um *pensamento e,* ademais, um pensamento só pode ser aprendido mediante o fato de que *ele mesmo é pensado*. (Ibdem)

 Essa tese está calcada nas seguintes razões. Em primeiro lugar, só se pode aprender a filosofar quem antes aprendeu a filosofia. De modo análogo, só se aprende a pensar quando se compreende, pelo aprendizado, os conteúdos do pensamento.

 O filósofo adverte que a tese da moderna da pedagogia, ao recomendar que não se deve aprender a filosofia, mas sim a filosofar, incorre no mesmo equívoco do viajante que deve viajar e sempre viajar, sem aprender a conhecer os conteúdos geográficos e históricos das cidades: os rios, os países, os homens, etc. Quando se viaja, aquilo que se oferece ao viajante é conhecido no próprio ato da sua viagem. De modo semelhante, no ensino da filosofia ao se “aprender a conhecer o conteúdo da filosofia não se aprende apenas o filosofar, mas também já se filosofa efectivamente”.(Ibdem)

 Em segundo lugar, só se aprende a filosofar quem possui pensamentos, os quais constituem o objecto da filosofia. Esta contém conteúdos verdadeiros que ela “reivindica como *forma* própria do seu empreendimento”. Por isso, é de vital importância para quem quer exercitar o pensamento receber estes conteúdos especulativos já elaborados pelo espírito, e fazer deles o seu próprio pensamento, o que é possível pela mediação dos procedimentos pedagógicos de aprendizagem.(Ibdem)

## 2.1.Como se caracteriza o ensino da filosofia?

 Hegel distingue dois níveis com conteúdos diferentes:

 **Para o ginásio** (com alunos na idade de 14/16 a 18/20 anos), a filosofia adquire a feição de um ensino propedêutico baseada em conteúdos da filosofia do entendimento. Estes conteúdos, embora abstractos, não adquirem ainda a forma da especulação, mas exercitam o pensamento do jovem estudante a pensar sem o apoio das representações concretas. (Ibdem:211)

 **No ginásio**, *prepara-se* mediante o pensamento abstracto e, em seguida, o pensamento dialéctico, e além disso mediante a aquisição da *representação* tendo um conteúdo especulativo. Uma vez que o ensino dos ginásios é, por essência, preparatório ele poderá se constituir, sobretudo, num trabalho dirigido sobre estes aspectos do filosofar.

## 2.2.Qual é a importância educação segundo Hegel?

 A educação escolar ajuda a formar, para além da esfera imediata do sentimento e do amor familiar, uma personalidade que, pela mediação de mecanismos de alteridade que a cultura produz, se eleva à esfera da universalidade concreta da cidadania. Por isso, a escola deve oferecer ao educando situações pedagógicas de um reconhecimento não excludente, pelas quais ele educa o seu espírito e está apto a integrar as instâncias éticas que representam a sua verdadeira natureza. Mas isso é feito com trabalho e disciplina. Por isso, o educador deve oferecer ao educando a força fecunda do negativo, propiciada por relações de alteridade que, no fundo, são mecanismos de coação legitimados pela ideia daquilo que é superior.

 A escola, ao efectivar o momento dialéctico da negatividade educacional, se apresenta como o outro do educando. Enquanto o seu outro, os conteúdos escolares e académicos representam para ele a sua própria essência “ex-posta” nestes conteúdos que devem impregná-lo, e com os quais ele deve se identificar. Isso é possível mediante os processos de reconhecimento, os quais permitem a absoluta inserção do educando no seu outro segundo o paradigma de uma intersubjectividade afirmativa e não excludente. (RAMOS, 2003:47)

## 2.3.Que método podemos usar para ensinar e aprender a filosofia para Hegel?

 O método pedagógico por excelência consiste, então, em ocupar o educando “de alguma coisa de não imediato, de estranho, de alguma coisa que pertence à lembrança, à memória e ao pensamento”. Como exemplo desse reconhecimento, Hegel sugere o estudo da cultura antiga como instrumento pedagógico que oferece um mundo “estranho e diferente”, uma alteridade na qual o educando deve mergulhar e tem a oportunidade de “deixar seu próprio elemento e habitar, com Robinson, uma ilha longínqua”.(Ibdem:213)

 É no estudo das línguas e da cultura antiga (grego e latim) que devemos nos “impregnar do seu ar, de suas representações, de seus costumes, e mesmo se quisermos, de seus erros, assim como de seus preconceitos,” acostumando o homem neste que foi o “paraíso do *espírito humano*” (idem, p.318). Esse procedimento pedagógico de estranhamento do educando em formas de alteridade – que afinal espelham a sua própria natureza – antecipa e prepara o próprio processo de inserção do indivíduo na vida ética superior do Estado.(Ibdem)

## 2.5.O que se pode concluir sobre a questão proposta: aprender a filosofia ou aprender a filosofar?

 Trata-se, antes de tudo, de uma questão que não pode ser resolvida de forma disjuntiva. E isso por uma razão muito simples: se for verdade que se aprende a filosofia mediante o exercício do pensar, também é verdade que o filosofar depende da apreensão ou da aprendizagem de conteúdos filosóficos.

## 2.6.Não seria essa uma relação de forma e conteúdo presente na filosofia e apropriadas ao seu ensino?

 Relação essa que se traduz no nexo entre dois aspectos: o lado auto-referencial do pensamento centrado na actividade do aluno e o lado hetero-referencial focado em conteúdos alheios ao educando, mas que devem ser reconhecidos como o seu próprio outro. É, precisamente, esta dimensão bipolar que constitui o carácter sempiterno e, por isso mesmo, desafiador da pedagogia.

 Assim, é possível sustentar a tese de que a perspectiva crítica da filosofia é possível apenas quando se aprende a filosofar. Mas, é necessário, também, apresentar o lado sistemático que se traduz pela apreensão de conteúdos escolásticos firmados nos diversos sistemas filosóficos da história da filosofia, momento em que se aprende os conteúdos da filosofia, seja
de um determinado pensador, seja de um determinado sistema filosófico.

 Kant tem razão. Hegel não menos, precisamente porque, sem abandonar o espírito da pedagogia kantiana, vê a filosofia e o seu ensino na perspectiva compreensiva da relação reciprocamente constituinte entre o ideal e o real, entre aprender a filosofia e aprender a filosofar.

# Conclusão

 Sorrateiramente, esta a abordagem em torno da possibilidade de aprender a filosofia ou de aprender a filosofar traz-nos um debate com muita veemência, visto que uma dualidade entre Kant e Hegel em afirmar se é possível aprender a Filosofia ou aprender a Filosofar. Todavia, para Kant, a filosofia não se aprende, o que se aprende é uma atitude. Não podemos receber a filosofia passivamente, como algo de extrínseco, o filosofar é pessoal, subjectivo, concreto, ou seja, não se aprende a Filosofia, porque para aprender também filosofia, antes de mais, teria que existir uma. É absurdo aprender algo que não existe.

 Do outro lado, encontramos Hegel que enuncia inicialmente o papel da educação na sociedade, afirmando que a educação escolar ajuda a formar, para além da esfera imediata do sentimento e do amor familiar, uma personalidade que, pela mediação de mecanismos de alteridade que a cultura produz, se eleva à esfera da universalidade concreta da cidadania. Por isso, a escola deve oferecer ao educando situações pedagógicas de um reconhecimento não excludente, pelas quais ele educa o seu espírito e está apto a integrar as instâncias éticas que representam a sua verdadeira natureza. De seguida, afirma que o filósofo adverte que a tese da moderna da pedagogia, ao recomendar que não se deve aprender a filosofia, mas sim a filosofar, incorre no mesmo equívoco do viajante que deve viajar e sempre viajar, sem aprender a conhecer os conteúdos geográficos e históricos das cidades: os rios, os países, os homens, etc. Quando se viaja, aquilo que se oferece ao viajante é conhecido no próprio ato da sua viagem. De modo semelhante, no ensino da filosofia ao se aprender a conhecer o conteúdo da filosofia não se aprende apenas o filosofar, mas também já se filosofa efectivamente.

 Portanto, Kant tem razão. Hegel não menos, precisamente porque, sem abandonar o espírito da pedagogia kantiana, vê a filosofia e o seu ensino na perspectiva compreensiva da relação reciprocamente constituinte entre o ideal e o real, entre aprender a filosofia e aprender a filosofar

# Bibliografia

MARNOTO, Isabel. *Didáctica da filosofia 1*. Universidade aberta, Lisboa, 1990

 MOURA, José Barata. *Filosofia e Filosofar:* Hegel versus Kant? **Philosophica** *6*, Universidade de Lisboa, Faculdades de Letras, 1995, pp. 51-69

RAMOS, César Augusto. *Aprender a Filosofia ou Aprender a Filosofar***: Kant e Hegel?** *Trans/Form/Acção,* São Paulo, v.30 (2), p.197-217. 2007

**Bibliografia electrónica**

Http://www.scielo.br/. Pdf: 2016.18h30